

# Corpos na cidade: arte e performatividade<sup>1</sup>

Renata Braga Neves e Julieta Leite

---

NEVES, Renata B.; LEITE, Julieta. Corpos na cidade: arte e performatividade. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, e 524, dec. 2024

---

data de submissão: 26/09/2024

data de aceite: 05/12/2024

**Renata B. NEVES** é Mestre em Desenvolvimento Urbano pela UFPE; doutoranda no PROURB-FAU-UFRJ; bn.renata@gmail.com

**Julieta LEITE** é Doutora em Sociologia na Université René Descartes-Paris V-Sorbonne; docente na UFPE; julieta.leite@ufpe.br

## Resumo

Este ensaio põe em diálogo os campos do espaço urbano e da arte, apoiando-se nas noções de performatividade e aparecimento discutidas pela filósofa Judith Butler ligadas à ideia de corpo defendida por Christine Greiner. Busca-se compreender modos possíveis de conexão entre os diferentes corpos sociais existentes na cidade mesmo sob um contexto de precariedade. O estudo baseia-se na interpretação das obras realizadas por Jonathas de Andrade em 2012 e 2014, *O Levante* e *O que Sobrou da 1ª Corrida de Carroças no Recife*, respectivamente, diante o caráter artístico e coletivo de tais obras e seus desdobramentos reivindicatórios no cotidiano da cidade pernambucana. Para tanto, identificam-se os corpos participantes nas práticas artísticas, reconhecendo os espaços de aparecimento e os dispositivos normatizadores evidenciados pelas duas práticas.

**Palavras-chave:** prática artística, espaço urbano, Jonathas de Andrade, carroceiros, Recife.

## Abstract

*This paper puts the fields of urban space and art into dialog, supported by the notions of performativity and appearance discussed by philosopher Judith Butler, in connection with the idea of the body defended by Christine Greiner. The aim is to understand possible ways of connecting the different social bodies that exist in the city, even in a context of precariousness. The study is based on the analysis of the works made by Jonathas de Andrade, "O Levante" and "O que Sobrou da 1ª Corrida de Carroças no Recife", in view of the artistic and collective nature of these works, and their claim for the daily life of the capital city of Pernambuco. For this purpose, the bodies participating in the artistic practices are identified, acknowledging the spaces in which they appear and the normative structures revealed by the two practices.*

**Keywords:** artistic practice, urban space, Jonathas de Andrade, cart drivers, Recife.

## Resumen

*Este artículo pone en diálogo los campos del espacio urbano y del arte, a partir de las nociones de performatividad y apariencia discutidas por la filósofa Judith Butler, asociadas a la idea de cuerpo defendida por Christine Greiner. El objetivo es comprender las posibles formas de conectar los diferentes cuerpos sociales que existen en la ciudad, incluso en un contexto de precariedad. El estudio se basa en la interpretación de las obras realizadas por Jonathas de Andrade, «O Levante» y «O que Sobrou da 1ª Corrida de Carroças no Recife», dado el carácter artístico y colectivo de las mismas y sus desarrollos reivindicativos en la vida cotidiana de la ciudad de Pernambuco. Para ello, se identifican los cuerpos participantes en las prácticas artísticas, reconociendo los espacios*

<sup>1</sup> Este ensaio é resultado da pesquisa de dissertação da Renata Neves sob orientação de Julieta Leite, e na qual a argumentação em torno das categorias de análise é propriamente desenvolvida e sua base teórica, aprofundada.

en los que aparecen y los dispositivos normativos evidenciados por las dos prácticas.

**Palabras-clave:** *práctica artística, espacio urbano, Jonathas de Andrade, carreteros, Recife.*

## Corpo artista: práticas e desdobramentos

Partimos do pressuposto de que, o artista, como quem articula o fazer poético e como um corpo sensível, abre frestas para uma nova forma de estar no mundo. Tal ideia é defendida por Christine Greiner (2005), pesquisadora em Comunicação das Artes do Corpo, que vê no artista uma capacidade de organizar acontecimentos e discursos a partir das próprias percepções. Segundo Greiner (2005, p. 123), o corpo artista é “desestabilizador de todos os outros corpos [...] (corpos e ambientes)”. A fim de adentrar nesse fazer poético, introduzimos a prática do artista Jonathas de Andrade, a partir das obras *O Levante*, de 2012 e *O que Sobrou da 1ª Corrida de Carroças no Recife*, de 2014<sup>2</sup>, ocorrida no centro da cidade do Recife.

<sup>2</sup> *O Levante* é originalmente uma obra iniciada em 2012 e concluída em 2014, pois é dividida em três partes: primeira, a ação da corrida de carroças (2012); segunda, o vídeo homônimo editado com imagens filmadas da corrida e a cantoria do aboiador João Aboiador (2013); e a terceira, *O que Sobrou da Primeira Corrida de Carroças no Centro do Recife* (2014) com documentação fotográfica e textual da 1ª corrida de carroças e de fontes retiradas de jornais (ANDRADE, 2014).

<sup>3</sup> Conversa informal, feita por áudio entre o artista e a pesquisadora Renata Neves, e cedida em 20/04/2020.

Jonathas de Andrade é brasileiro, nascido em Alagoas em 1982 e vive no Recife. O próprio artista afirma<sup>3</sup> que utiliza com frequência registros com câmera fotográfica ou vídeo para ampliar o seu olhar sobre a sociedade na tentativa de questionar estereótipos e preconceitos, estremecendo posições de poder e reforçando a necessidade de discussões sobre democracia e inclusão.

No estudo das obras em questão, compartilhamos a visão de Greiner (2005) ao abordar a prática da arte como experiência estética capaz de desestabilizar e representar um “estado corporal sempre latente e fundamentalmente necessário para a nossa sobrevivência” (GREINER, 2005, p. 113). Suas reflexões auxiliam no entendimento do corpo artista como quem articula a criação e a comunicação de uma ação. Na análise aqui desenvolvida, Jonathas é um artista que age em aliança com outros corpos, próximos ou distantes de seu contexto, ao criar ações abertas ao inesperado e ao conceber imagens em torno de pautas sociais. Por meio de registros fotográficos e de vídeos, esse corpo artista opta por organizá-los para estremecer determinada situação padrão e “promover aparecimento de novas metáforas complexas no trânsito entre corpo e ambiente” (GREINER, 2005, n.p).

A ação artística de Jonathas de Andrade estabelece relações entre espaço urbano, território e condições

de opressão, operando com uma abordagem poética que provoca uma experiência estética, dada a sua construção política. As práticas artísticas apresentadas tornam-se dispositivos para ele se aproximar de grupos sociais de contextos diferentes ao seu, de modo a ouvi-los e a compreender como eles lidam com restrições de ordem social, econômica e urbana específicas. Nas obras aqui escolhidas, o artista tenta tornar visíveis corpos e questões invisibilizadas por ordens excludentes e normativas. Dessa forma, suas práticas nos permitem abordar uma dimensão social do espaço público, da cidadania e das possíveis condutas normatizadoras do cotidiano.

## Prática artística e representação dos corpos na cidade

De acordo com Jonathas de Andrade<sup>4</sup>, é fascinante observar a presença dos cavalos no Recife e a relação de amizade e admiração entre os humanos e não humanos. Para o artista, ao aproximar-se dos cavaleiros e seus cavalos, fica evidente que existe uma relação afetiva entre eles e que esta é passada a cada geração como tradição de família. A percepção dessa afetividade contrapõe o olhar estigmatizado que os carroceiros sofrem diante das precariedades e invisibilidades que lhes são impostas, sobretudo quando ocupam a cidade utilizando o cavalo como meio de transporte. Na concepção da prática artística de Jonathas, é fundamental imaginar uma cidade que reconheça a força subjetiva dos cavaleiros, dos cavalos e das carroças, uma cidade que concilie os espaços urbanos e rurais. Ele considera a lei cínica, pois ela é justificada como proteção aos cavalos, mas deixa os cavaleiros sem apoio e sem direitos a uma vida digna e segura. Assim, a legislação é excludente e não reconhece os carroceiros como sujeitos de direito.

As práticas artísticas *O Levante* e *O que sobrou da 1ª Corrida de Carroças do Centro do Recife* compõem um conjunto de imagens, cujos conteúdos e formas contribuem na construção de um discurso e representação articulados em fotos, vídeos e textos que unem quem conduz a câmera e quem é registrado através dela. Segundo Andrade<sup>5</sup>, a corrida é uma ação inusitada e surpreendente, característica que impede o controle narrativo por parte do artista e de quem a fotografa ou filma. A união produzida inclui os corpos-espectadores que assistem à performance e aqueles que, posteriormente, contemplam a obra por fotos, vídeos e textos, diante da potencialidade da prática em expressar força e liberdade.

<sup>4</sup> Conversa informal, feita por áudio entre o artista e a pesquisadora Renata Neves, e cedida em 20/04/2020.

<sup>5</sup> Conversa informal, feita por áudio entre o artista e a pesquisadora Renata Neves, e cedida em 20/04/2020.

A filósofa estadunidense Judith Butler (2018) aponta para a noção de performatividade ligada à representação que, segundo ela, é parte da construção do corpo em ação. A representação significa compreender como um corpo pode ser visto e interpretado por um ou mais indivíduos diferentes dele. Para notar isso é importante considerar qual fator leva os corpos a serem representados de determinada maneira e como eles são denominados. Construções estruturais da nossa sociedade podem indicar que alguém se sente superior e livre para atribuir a um outro corpo distinto do dele o nome de algo. Por exemplo, nomear uma situação ou alguém por meio do gênero, da cor, da raça, de uma deficiência ou da classe social etc., corresponde a uma leitura social e faz parte do efeito performativo da ação em que interpretamos circunstâncias a respeito do outro (BUTLER, 2018).

Segundo Greiner (2005), a nomeação do corpo vem se reformulando, visto que atualmente não somente consideramos de modo singular a compreensão do corpo, sua subjetividade e a relação com o espaço, mas também discutimos esses aspectos interligados à dimensão de "estar no mundo", ou seja, da experiência. O efeito performativo age fora e dentro do cotidiano, como uma força sobre os corpos em ação que reivindicam os espaços da cidade e são regidos por usos ou contra-usos urbanos (LEITE, 2001)<sup>6</sup>. Quando afetados, devido à prática artística, os corpos dos carroceiros podem se fortalecer enquanto categoria social e serem vistos sem o olhar estigmatizado do outro.

Considerando o aparecimento do corpo social marginalizado no espaço público, sua representação pôde ser deslocada para além desse espaço, mas também com o seu aparecimento em contexto urbano nas mídias. Jonathas concretiza essa representação ao documentar com vídeo e fotografias da corrida de carroças e reordenar depoimentos e notícias retirados de jornais sobre os contextos sociais em que estão inseridos os condutores de carroças na cidade. O resultado é a divulgação das obras em seu conteúdo crítico e visual, com o corpo social dos carroceiros circulando e ocupando, centros educativos, galerias de arte e museus nacionais e internacionais.

As imagens são articuladas pelo artista (Figura 01) sob a intenção de serem vistas pelo público implicado numa relação de mais proximidade ou distanciamento com o contexto urbano apresentado. A mídia e suas

<sup>6</sup> Diante da complexidade do espaço público, este artigo designa o termo "contra-usos urbanos" para se referir a ações que acontecem no espaço urbano, dando a ele significados diferentes de sua função formal em si. O sociólogo Rogério Proença Leite, autor desse conceito, nos ajuda a compreendê-lo. Sinônimo de dar significados incomuns (subjetivos) no contexto de contra-usos urbanos é dar contrasentidos a espaços da cidade, e isso só é possível devido às ações corporificadas capazes de conceber os espaços de aparecimento: "onde quer que ocorram as interações mediadas pelas relações de poder, que possibilitem a expressão da fala e do agir, existirá um espaço onde se materializaria a esfera pública" (LEITE, 2001, p. 219).



Figura 1  
Fotos da corrida e notícias de jornais, *O que sobrou da 1ª corrida de carroças do centro do Recife*.  
Fonte:Jonathas de Andrade, 2014 (publicação autorizada pelo autor).

implicações de circulação das imagens atravessam Jonathas de Andrade como um corpo artista que não somente cria novas imagens, mas também acessa imagens já existentes em jornais, para reorganizar respostas às questões do cotidiano urbano, como é a Lei Municipal n. 17.918/2013<sup>7</sup>.

## Corpo carroceiros: levante, espaço urbano e arte

Apropriando-nos da noção de performatividade desenvolvida pela filósofa Judith Butler (2018), identificamos nesses estudos de casos parte do que significa o corpo social e como ele é representado na ação artística em foco. Sendo fundamental a associação dessa performatividade com o espaço urbano, Judith Butler (2018) estrutura perguntas das quais tentamos responder e que são pertinentes sobre a ação: como ela se origina, quais são os suportes materiais para acontecer, quais corpos participam, como a condição de exclusão é criticada e quais são os meios de representação do corpo social evidenciado – no caso, *na ação da prática artística*.

<sup>7</sup> Lei regulamentada pelo Decreto Municipal n. 32.121/2019: "Fica proibida a circulação de veículos de tração animal, a condução de animais com cargas e o trânsito montado em todo o Município do Recife. § 2º Exceção-se da proibição prevista no caput: I - a utilização de animais pelas Forças Armadas e pela Polícia Militar para o desempenho normal de suas atividades; II - a participação de animais, com prévia autorização do Executivo, em eventos expositivos, cívicos e outras atividades as quais não ofereçam risco de maus tratos aos animais". (RECIFE, 2013).

*O Levante* propõe-se a ser uma ação contra a precariedade e invisibilidade dos condutores de carroça, que enfrentam restrições de circulação devido à Lei Municipal n. 17.918/2013 – que veta os veículos de tração animal na cidade. Para o artista executar a prática artística nas ruas foi necessário obter suporte formal da prefeitura autorizando o evento. Jonathas de Andrade apresentou um pedido de autorização à Prefeitura para realizar uma corrida de carroças na cidade, justificando que realizaria um filme. A primeira etapa foi conquistada: a autorização da ação com as carroças e seus condutores foi concedida, sendo o evento aprovado para ser realizado na avenida Guararapes, de traços modernos, localizada no centro histórico do Recife.

Definida a ação e o percurso da corrida, era necessário incentivar a presença dos carroceiros. Para isso, os participantes seriam premiados com bode, porco, ração e acessórios de montaria. A divulgação foi feita por panfletos distribuídos em lojas e feiras de trocas de cavalos e acessórios. No dia da ação, os suportes utilizados para realizar a performance na cidade eram as próprias carroças usadas como veículos. Determinadas ruas foram liberadas exclusivamente para os carroceiros e as calçadas, livres para os pedestres. A equipe de acompanhamento da ação do artista (formada por amigos e profissionais do audiovisual e urbanismo) foi posicionada em diferentes pontos do percurso, como em prédios, ruas e pontes, para registrar em vídeo e fotografia os carroceiros em movimento durante a corrida.

Com essa prática, Jonathas de Andrade buscou abrir frestas para discutir a invisibilidade social dos carroceiros, contestando a lei. A visibilização dos carroceiros, suas carroças e seus cavalos, foi fortalecida pela reunião desses corpos que, vindos de diferentes bairros da região da metrópole do Recife, tomam as ruas da cidade em gestos celebrativos. Em *O Levante*, a reunião dos carroceiros é destacada como uma categoria social que ocupa o espaço público de maneira inusitada, enfatizando sua existência e evocando o espaço de aparecimento. A rua, suporte físico essencial da ação, sustenta o movimento veloz dos carroceiros. Incluir esses sujeitos como livres para existir e percorrer a cidade significa reconhecê-los como um corpo social, autorizado a pertencer à cidade e a experienciá-la de forma singular. A ação artística possibilitou, assim, a efetivação do espaço urbano enquanto público e de aparecimento.

A performance foi a linguagem adotada para tornar possível o deslocamento dos carroceiros nos espaços

urbanos do centro da cidade. A representação do corpo central na prática artística se revela na videoinstalação e foto-documentação da corrida de carroças e das notícias de jornais reunidas na obra *O que sobrou da 1ª corrida de carroças do centro do Recife*. O corpo em questão age em reivindicação pelo direito de aparecer no espaço urbano e a corrida, planejada e coletiva, caracteriza o espaço urbano como público. Nesse contexto, somam-se protestos<sup>8</sup> dos carroceiros nas ruas da cidade nos anos de 2014, 2018 e 2019, também contra a Lei Municipal n. 17.918/2013.

Vê-se, assim, que a própria presença do grupo de carroceiros, persistindo em circular com as carroças no espaço urbano é um exemplo de formas de ação reivindicatória e representação do que Butler (2018) chama de exercício performativo. Como representação de um grupo social, os carroceiros, no contexto da arte ou dos protestos, são vistos em exercícios de performatividade que remetem à ideia de cidadania, ao sujeito implicado, com direito a agir e participar dos planos públicos. Ambas as ações têm a rua como símbolo de igualdade. Ela é o suporte disponível para que os corpos, considerados desimportantes sob o viés público dominante ou normativo, possam existir de forma surpreendente e reivindicar contra a lógica normatizadora prevista pelo plano urbano. "Neste debate, a rua era geralmente vista como um espaço no qual os direitos são afirmados, deslocando a clássica concepção do pensamento social brasileiro que a via como um local típico de insegurança e do risco" (LEITE, 2001, p. 214).

A construção das leis sustentadas por lógicas de restrição anuncia qual grupo será excluído e a condição de reconhecimento sobre esse grupo de acordo com o dizer da norma. Segundo Butler (2018, p. 38), as normas são uma construção estrutural, ou seja: elas estão conosco em período integral, precedem a nossa existência, agem sobre nós e, por isso, as reproduzimos automaticamente. Mesmo assim, a norma pode falhar em determinado âmbito. A filósofa acredita que a origem da normatividade pode ser rompida e ressignificada. Ela contextualiza essa afirmação baseada nas normas de gênero. Contudo, procuramos propor uma extensão de tal argumentação ao contexto dos corpos na cidade, para compreender como as normas urbanas afetam determinados grupos sociais devido à lógica classicista e racial.

A prática artística de Jonathas de Andrade, *O Levante*, rompe com uma construção normativa, já que a lei municipal tenta excluir os carroceiros do ambiente ur-

<sup>8</sup> Ver: Carroceiros... (2018). Protestos de carroças (2018). Ver imagem em: <https://www.diario-depernambuco.com.br/noticia/vi-da-urbana/2018/12/carroceiros-fazem-protesto-no-centro.html>

banco, usando os maus-tratos aos animais como pretexto. Essa justificativa revela um desejo por espaços homogêneos regidos pela ideia de cidade separada da cultura e da natureza, promovendo o automóvel como meio de transporte predominante, símbolo de progresso, considerando o animal um retrocesso. Ao pensar nessas características na avenida Guararapes, projetada em 1920 e inaugurada em 1950, sob a perspectiva da modernização da cidade, como espaço símbolo do progresso e dos desenvolvimentos, a presença dos carroceiros, dentro e fora da ação artística em *O Levante*, torna-se simbólica e potente na conformação do espaço de aparecimento diante da presença de seus corpos nesse trecho do percurso.

Ao criticar a Lei Municipal n. 17.918/2013, exaltando a presença dos carroceiros nas ruas, a ação artística rompe com a condição de não reconhecimento desses outros corpos urbanos e inverte a lógica de restrição ao possibilitar que o corpo social excluído pudesse aparecer de forma celebratória no espaço público. Divagando sobre modos de romper com a condição de exclusão e vulnerabilidade, Butler (2018) recomenda desconstruir a lógica de restrição e aparecer quando e onde somos apagados. A ação implicada em *O Levante* contribui para o rompimento dessas condições, uma vez que ela desconstrói a lógica de exclusão estipulada na lei e permite que o corpo dos carroceiros apareça nas ruas da cidade, reconfigurando o espaço público em espaços de aparecimento.

## **Carroceiros: relações com a cidade**

A compreensão um pouco mais ampla a respeito da performatividade do grupo de carroceiros no seu cotidiano urbano se faz possível ao acessar registros documentais (fílmicos, fotográficos e escritos) de *O que sobrou da primeira corrida de carroças do centro do Recife* e de matérias jornalísticas sobre os carroceiros, além de depoimentos do artista Jonathas de Andrade.

Sabemos que a performatividade, exercida pelo corpo em ação artística ou cotidiana no espaço urbano, está associada a estruturas (físicas ou imateriais) que suportam o corpo social durante sua ação. Quando identificamos quais são os apoios presentes ou ausentes na ação e como eles se relacionam com o corpo, consideramos as condições que permeiam a vida cotidiana e os modos de reivindicações contra as normas de exclusão. Segundo Leão (2012)<sup>9</sup>, a Lei Municipal n. 17.918/2013 reflete os impactos diretos da lógica excludente da esfera pública, como analfabetismo, falta de moradia e invisibilidade social.

<sup>9</sup> Carolina Leão é jornalista e doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ver: Leão (2012).

O grupo de carroceiros é representado majoritariamente por homens, mas também conta com a presença feminina. Sua existência é marcada pela tradição do trabalho, lazer e fé da cultura rural. No cotidiano urbano, eles se deslocam ao centro da cidade para coletar materiais de construção e alimentos para os animais que eles criam, além dos cavalos. Muitos trabalham com carga para armazéns, coletando recicláveis e madeira, razão pela qual atravessam diversos bairros da cidade, partindo de onde vivem – como Beberibe e Água Fria – até áreas centrais de Recife, por exemplo, a Avenida Norte e a Avenida Conde da Boa Vista.

As atividades desenvolvidas pelos carroceiros para subsistência são variadas, incluindo ferradores, fabricantes de carroças, os comerciantes de ração e acessórios para os cavalos, cavaleiros e os criadores de animais. O porte dos cavalos e o tamanho das carroças variam conforme o uso e a distância percorrida por cada carroceiro. Alguns carroceiros utilizam o transporte para lazer e trabalho, enquanto outros usam somente para o lazer. Devotos de São Severino dos Ramos, eles se reúnem anualmente para a procissão com percurso de Recife a Paudalho, reforçando a importância da fé e do sentido de grupo ou da comunidade. Seus contextos sociais reforçam a necessidade de terem direito a uma vida de trabalho, moradia e lazer.

## **Considerações finais**

Os corpos em ações artísticas nos espaços urbanos podem ser vistos como resposta às políticas públicas que restringem a visibilidade de certos indivíduos na cidade. Essas ações ganham relevância ao ampliar a compreensão do caráter político da performatividade no espaço urbano, por meio de práticas diversas, artísticas ou não.

Quando os carroceiros e artistas se lançam a novas experiências, propõem contra-usos, ou modos inusitados de usar e pensar a cidade. Essas vivências expressam liberdade e potência, desafiando usos e normas originalmente preestabelecidos e, ainda que certas estruturas de poder ocultem a invisibilidade e precariedade que afetam determinados corpos, a arte pode ser um meio possível para apontar os efeitos excludentes das normas e suspender a invisibilidade de corpos sociais, frequentemente desconsiderados do espaço urbano e direito à cidade.

## Referências

ANDRADE, J. de. O Levante, 2012-2014. *Cargo Collective*, 24 abr. 2014. Disponível em: <https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/o-levante>. Acesso em: 26 out. 2020.

ANDRADE, J. de. O que sobrou da primeira corrida de carroças do centro do Recife, 2012-2014. *Cargo Collective*, 27 fev. 2014. Disponível em: <https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/o-que-sobrou-da-corrída>. Acesso em: 30 out. 2020.

BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2018.

CARROCEIROS fazem protesto no centro. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 dez. 2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2018/12/carroceiros-fazem-protesto-no-centro.html>. Acesso em: 3 dez. 2024.

GREINER, C. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.

LEÃO, C. Cidade: fronteiras urbanas. *Revista Continente*, Recife, 1 abr. 2012. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/136/cidade--fronteiras-urbanas>. Acesso em: 1 out. 2020.

LEITE, R. P. *Espaço público e política dos lugares: usos do Patrimônio Cultural na Reinvenção Contemporânea do Recife Antigo*. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

NEVES, R. B. *Corpo na prática artística: espaço urbano e aparecimento*. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Programa de Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2020.

RECIFE (Município). Lei n. 17.918, 25 de outubro de 2013. Proíbe a circulação de veículos de tração animal, a condução de animais com cargas e o trânsito montado no município do Recife e dá outras providências. *Diário Oficial*, Recife, 25 out. 2013. Disponível em: <http://leismunicipa.is/pdrlt>. Acesso em: 30 ago. 2020.